



PATRIARCADO-RACISMO-CAPITALISMO: uma análise do conceito do nó em Heleieth Saffioti

CAVALCANTI, Alice Birman¹

RESUMO: O presente trabalho pretende abordar as contribuições da socióloga Heleieth Saffioti no âmbito do debate sobre a imbricação entre gênero, raça e classe, focando especialmente no conceito do nó patriarcado-racismo-capitalismo (SAFFIOTI, 1987) cunhado pela própria. Reconhecemos que a autora trouxe avanços importantíssimos para a construção do pensamento social brasileiro, expondo como o gênero e a raça se encontram articulados ao capitalismo e se configuram como categorias imprescindíveis para uma análise comprometida com a realidade social brasileira. Através de revisão bibliográfica, ressaltamos as principais contribuições da autora no âmbito dos debates que articulam as três opressões que estruturam a formação social do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: patriarcado; racismo; capitalismo.

1. INTRODUÇÃO

No intuito de investigarmos a maneira através da qual a imbricação entre gênero, raça e classe influi na formação social, política, econômica e cultural brasileira, resgatamos aqui os estudos desenvolvidos pela socióloga Heleieth Saffioti. Uma das pioneiras no Brasil a desenvolver um estudo aprofundado a cerca dessa complexa temática, Saffioti cumpriu um papel fulcral no fomento do debate sobre as opressões de gênero e raça, articulando-as ao capitalismo, em um contexto histórico no qual esses aspectos da formação da classe trabalhadora ainda não recebiam os devidos esforços analíticos.

Partindo de uma perspectiva crítica e ancoradas no materialismo histórico dialético, realizamos uma revisão bibliográfica da obra de Saffioti, dedicando especial atenção a formulação do conceito do nó patriarcado-racismo-capitalismo (SAFFIOTI, 1987), cunhado pela autora ao longo de sua trajetória profissional.

¹ Graduada em Serviço Social – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
birmancavalcantialice@gmail.com

Por fim, apresentaremos nas considerações finais como o conceito do nó pode ser um importante recurso analítico para pensarmos os desafios e as possíveis formas de enfrentamento aos desafios impostos à classe trabalhadora, às mulheres e à população negra no Brasil de hoje.

2. DESENVOLVIMENTO

Pioneira em trazer o estudo da questão da mulher para a realidade social brasileira, Heleieth Saffioti foi uma socióloga marxista, professora e militante, que se formou pela USP em 1960. Em 1967 defendeu pela UNESP, sob orientação do professor Florestan Fernandes, sua tese de livre docência intitulada “A mulher na sociedade de classes: mito e realidade” (SAFFIOTI, 1969). O legado de Saffioti foi fundamental para a construção do pensamento social brasileiro não só pelo pioneirismo da autora no que diz respeito aos estudos sobre a questão da mulher no Brasil, mas também pelo seu pioneirismo em realizar esse estudo articulando-o às questões de raça e classe (MOTTA, 2018).

No decorrer de seu percurso acadêmico, ao investigar a imbricação entre as relações de gênero, raça e classe no Brasil, Heleieth formula o conceito do nó patriarcado-racismo-capitalismo, que aparece pela primeira vez no livro “O poder do Macho” (SAFFIOTI, 1987). De toda forma, cabe destacar que seus esforços para tratar das inter-relações que se estabelecem no seio das relações de gênero, raça e classe, aparecem desde a formulação de sua tese de livre docência mencionada a cima, o que fica explícito na busca da autora por deslindar as diferentes condições à que estavam submetidas as mulheres brancas e negras no interior da sociedade brasileira, seja no modo de produção escravista, seja no modo de produção capitalista. Sendo assim, podemos afirmar que desde o final da década de 1960 é possível identificar um movimento de articulação entre essas três categorias teóricas nas obras da autora.

Em sua pesquisa, Saffioti (1993), aponta a necessidade de reconhecermos que o sujeito é formado por uma tripla constituição (que abarca as dimensões do gênero, da raça/etnia e da classe social) e assim afasta a ideia de unicidade do ser social, expondo seu caráter múltiplo e contraditório, mas não fragmentado. A autora frisa também que não se tratam de três identidades autônomas, uma vez que “as três identidades sociais básicas simbiotizam-se, na medida em que se constroem no contexto histórico do nó” (SAFFIOTI, 1997, p.69).

Deteremo-nos aqui a abordar esse conceito específico formulado pela autora, do nó (ou novelo) patriarcado-racismo-capitalismo, pois julgamos ser de extrema valia para a análise da realidade social, política, econômica e cultural brasileira, e entendemos que este se configura como um salto teórico realizado pela socióloga. Contudo, é importante situar, antes de adentrar numa abordagem mais esmiuçada acerca do nó, que cada uma das

categorias que o compõe dizem respeito a um fenômeno sócio-histórico distinto, que tem uma determinada origem histórica e que se configuram como sistemas de dominação e exploração pautados no gênero, na raça, e na classe, que foram construídos historicamente, não cabendo, nos limites do presente trabalho, examiná-los separadamente.

O que ocorre no Brasil, é que no decorrer do percurso histórico, esses três fenômenos se imbricaram de tal modo que passaram a operar e se caracterizar como sistemas de exploração e dominação fundidos, formando o que Saffioti (1987) denominou de nó patriarcado-racismo-capitalismo. Nas suas palavras:

Com a emergência do capitalismo, houve a simbiose, a fusão, entre os três sistemas de dominação-exploração, acima analisados separadamente. Só mesmo para tentar tornar mais fácil a compreensão deste fenômeno, podem se separar estes três sistemas. Na realidade concreta, eles são inseparáveis, pois se transformaram, através deste processo simbiótico, em um único sistema de dominação-exploração, aqui denominado patriarcado-racismo-capitalismo (SAFFIOTI, 1987, p.60 grifos nossos).

Podemos inferir, a partir disso, que o capitalismo que se gesta no Brasil, desde seus primórdios, é organizado de forma a conjugar esses outros dois sistemas de dominação e exploração (o patriarcado e o racismo) que datam de um período histórico anterior à emergência do capital. Tanto um quanto o outro já estavam estabelecidos na sociedade brasileira no momento em que o modo de produção capitalista emergiu, o que fez com que a hegemonia do modo de produção capitalista tenha sido atingida mediante o patriarcado e o racismo. Isso significa dizer que o processo de produção e apropriação de mais valia, que vigora na era do capital, foi estruturado através das relações patriarcais de gênero e raciais, que tem em sua base fundante, respectivamente, a divisão sexual e racial do trabalho.

Na era do capital nos deparamos com uma lógica de busca incessante por uma rentabilidade cada vez maior. Nesse processo, o capital se apropria das diferenças socialmente estabelecidas, pautadas nas relações de gênero e raça/etnia, tornado-as relações diferenciadoras também para o mercado de trabalho (SAFFIOTI, 1997). Por esse motivo, o gênero e a raça passam a ser fatores determinantes para compreendermos a condição de vida dos sujeitos nos interstícios do modo de produção capitalista.

A autora enfatiza que a relação de simbiose entre essas três condições sociais básicas não ocorre de forma paralela, mas sim entrelaçada. Destaca também que esse entrelaçamento, além de colocar em relevo as contradições constituintes de cada ordenamento das relações sociais, os potencializa (SAFFIOTI, 1988). É por esse motivo que em sua perspectiva não se trata de uma simples soma de cada uma das relações de dominação e exploração (patriarcado + racismo + capitalismo), visto que, ao se imbricarem na realidade concreta, produzem um nó que apresenta qualidades distintas daquelas que compõe as contradições que o integram, e passa a adquirir uma dinâmica própria, dando origem a uma nova realidade fruto desta simbiose (SAFFIOTI, 2015).

A elaboração do conceito do nó proposto por Saffioti sinaliza precisamente a imprescindibilidade de analisarmos as relações de dominação e exploração de modo interconectado e não hierarquico, recusando a centralidade de uma opressão em relação às outras de forma generalizada. Esse é um dos grandes avanços teóricos da autora, que sustenta a tese de que a subjugação entre estes três antagonismos, independente da direção da sujeição perpetrada, conduz a limitação da apreensão “da riqueza de determinações que definem um concreto histórico, provocando o fracasso das estratégias cujo alvo seja a superação destas contradições” (SAFFIOTI, 1985, p.99).

A recusa de uma hierarquização fixa entre as três opressões estruturais que compõem o nó, no entanto, não impede que a autora reconheça o fato de que, a depender da circunstância histórica, uma dessas opressões pode ganhar centralidade e impactar de forma mais expressiva a realidade objetiva e/ou subjetiva experienciada pelos sujeitos. Segundo Saffioti,

Trata-se, em outros termos, de três faces, de três identidades sociais do sujeito, todas igualmente importantes para que ele atue na construção de uma sociedade sem desigualdades, como as que separam pobres de ricos, mulheres de homens, negros de brancos. *As três identidades estão sempre presentes, embora não com o mesmo vigor. Dependendo da situação histórica vivenciada, uma delas pode apresentar mais relevo, e frequentemente o faz. Há circunstâncias em que a identidade de gênero fala mais alto, mas há outras em que a de classe ou a de raça/etnia está neste caso.* Conceber o sujeito como múltiplo permite a apreensão de, pelo menos, grande parte de sua riqueza. (SAFFIOTI, 1997, p.76, grifos nossos).

Saffioti (1998) amadurece a concepção do nó trazendo então a ideia do “nó frouxo”, com esse adjetivo a socióloga explicita a maneira através da qual esse nó se estabelece, indicando que este não é um nó górdio nem apertado, mas um nó frouxo, onde existe certa mobilidade entre cada um de seus componentes constitutivos.

O importante é analisar estas contradições na condição de fundidas ou enoveladas ou enlaçadas em um nó. *Não se trata da figura do nó górdio nem apertado, mas do nó frouxo, deixando mobilidade para cada uma de suas componentes* (SAFFIOTI, 1998). Não que cada uma destas contradições atue livre e isoladamente. No nó, elas passam a apresentar uma dinâmica especial, própria do nó. Ou seja, a dinâmica de cada uma condiciona-se à nova realidade, presidida por uma lógica contraditória (SAFFIOTI, 1988). De acordo com as circunstâncias históricas, cada uma das contradições integrantes do nó adquire relevos distintos. E esta motilidade é importante reter, a fim de não se tomar nada como fixo, aí inclusa as organizações dessas subestruturas na estrutura global, ou seja, destas contradições no seio da nova realidade - *novelo patriarcado-racismo-capitalismo* (SAFFIOTI, 1987) historicamente constituída (2015, p.125, grifos do original).

O nó frouxo proposto por Saffioti representa um avanço de análise significativo não só porque exprime a mobilidade entre as relações de dominação e exploração que estruturam a sociedade brasileira, mas, também, por permitir que reconheçamos que outras contradições são passíveis de interpenetrar esse nó. A nacionalidade, geração, religiosidade, o capacitismo, a orientação sexual e a regionalidade são alguns dos aspectos que podemos destacar que, ainda que não sejam estruturais, impactam na experiência de vida dos sujeitos podendo intensificar ou atenuar a dominação e exploração sofrida pelos mesmos, alargando ainda mais o horizonte de análise.

De toda forma é importante ratificar que, em se tratando de Brasil, todos os marcadores sociais de diferença necessariamente perpassam as questões de gênero, raça/etnia e classe, uma vez que essas são desigualdades estruturais, que fundam a sociedade brasileira, tendo sido consolidadas historicamente dessa forma (MOTTA, 2018).

Um último destaque merece ser feito em relação aos avanços que a concepção do nó nos traz. Ao reconhecer que o patriarcado-racismo-capitalismo é um sistema de dominação e exploração, a autora rompe com uma concepção dualista que constantemente se encontra impregnada nas análises desses sistemas, que assume que por um lado o patriarcado e o racismo são uma dominação política e cultural, enquanto, por outro, o capitalismo é uma dominação apenas econômica. Saffioti (1987, p.50) defende que:

O patriarcado não se resume a um sistema de dominação, modelado pela ideologia machista. Mais do que isto, ele é, também, um sistema de exploração. Enquanto a dominação pode, para efeitos de análise, ser situada essencialmente nos campos político e ideológico, a exploração diz respeito diretamente ao terreno econômico.

Assim como o patriarcado não se resume a um sistema de dominação, se configurando também como um sistema de exploração, assim o é o racismo. Para além de um elemento ideológico e cultural, o racismo é um fenômeno histórico que acarreta em um processo de exploração e dominação segundo a raça, e que constitui a base econômica, política e social do Brasil.

Os estudos da autora nos apontam a necessidade de assumir a relação dialética que se estabelece entre o campo econômico e a esfera ideológica e cultural. As diferentes dimensões que compõem uma formação social (a dimensão social, política, econômica e cultural) encontram-se imbricadas de tal forma que só é possível dissociá-las para fins analíticos. Em realidade, só é possível explorar de forma objetiva um segmento populacional se você assegura que isso seja legitimado subjetivamente, isto é, através de uma determinada ideologia e cultura específica.

Vinculada a uma compreensão materialista e crítica dialética da realidade, Heleieth Saffioti elucida a relação que se estabelece entre a estrutura e a superestrutura ideológica e cultural, realçando que:

Como produtos da infra-estrutura e capazes de desencadear alterações nesta, a super-estrutura não pode ser apreendida simplesmente como sobrevivências de fases superadas do desenvolvimento da formação social econômica capitalista. Certamente, os ingredientes das superestruturas ideológicas não sobreviveriam caso não encontrassem suportes na infra-estrutura econômica e caso não desempenhassem a função de escamotear as raízes sócio-econômicas do relativo insucesso de amplos contingentes humanos de ganhar os meios de sua subsistência (SAFFIOTI, 1976, p.8).

A partir do conceito do nó podemos então ultrapassar a visão dualista que acaba por cindir o processo de dominação e exploração que caracteriza o patriarcado, o racismo e o capitalismo, atribuindo aos dois primeiros apenas a noção de dominação política e cultural, e ao último a noção de exploração como se este estivesse limitado aos aspectos estritamente econômicos. A partir da concepção que orienta o presente trabalho avaliamos ser um

equivoco teórico e analítico apartar as dimensões política, econômica e cultural da sociedade, pois compreendemos que estas remontam a um mesmo processo que integra a totalidade social. Essa compreensão coaduna com as análises propostas por Saffioti, para quem,

O sistema de classes sociais não pode ser pensado simplesmente no plano econômico, pois se trata de uma realidade multifacética, onde também têm lugar os outros tipos de dominação: social, cultural e política, além da econômica. De outra parte, o patriarcado não se resume em um sistema de dominação política, porquanto no seu seio também fluem os outros tipos de dominação, inclusive a econômica (SAFFIOTI, 1985, p.100).

Sendo assim é importante reter que o patriarcado e o racismo são fenômenos sócio-históricos que não devem ser compreendidos apenas através da dimensão ideológica e cultural, assim como o capitalismo, apesar de ser um modo de produção (o que o distingue dos demais elementos que compõem o nó), também não deve ser compreendido simplesmente como um sistema econômico, visto que ele não pode prescindir de uma sustentação ideológica e cultural.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa das considerações finais cabe começar pontuando que não pretendemos traçar uma linha conclusiva, mas levantar algumas questões que julgamos pertinentes para a continuidade desse estudo.

Através desse breve resgate de algumas das principais contribuições de Saffioti para a construção do pensamento social brasileiro, especialmente no que diz respeito à elaboração do conceito do nó patriarca-racismo-capitalismo, fica nítida a importância de aprofundamento dos estudos acerca da imbricação entre essas três opressões que marcam a particularidade da formação social, política, econômica e cultural do Brasil.

Explicita-se também a importância de reconhecermos que o patriarcado e o racismo não são expressões da contradição capital-trabalho, mas sim fenômenos estruturais que se articulam ao modo de produção capitalista.

Tanto o debate sobre racismo quanto sobre patriarcado tem sido crucial para a análise da atual conjuntura, conjuntura essa reacionária, ultraneoliberal, de ataques constantes aos direitos sociais e humanos, onde quem mais sofre é a população negra, as mulheres e a classe trabalhadora.

Portanto, torna-se primordial para o processo de trabalho dos assistentes sociais o entendimento de como os determinantes raciais e sexuais que nos conformam interferem objetiva e subjetivamente na vida dos sujeitos. Isso porque a classe trabalhadora não é uma entidade destituída de gênero e raça, sendo assim, reconhecer a formação dessa classe se torna um elemento indispensável para a nossa atuação profissional, visto o impacto direto que exerce na condição de vida dos nossos usuários.

É o reconhecimento de que o nó patriarcado-racismo-capitalismo estrutura a sociedade de classes que possibilita a realização de uma intervenção crítica e comprometida com os princípios defendidos no código de ética, zelando pelos valores éticos centrais que orientam o nosso fazer profissional. Esse reconhecimento torna-se imprescindível não só pelo comprometimento com o VIII princípio fundamental, no qual fica estabelecida a “opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero” (BRASIL, 2012), mas para o comprometimento com todos os princípios, uma vez que a defesa pela liberdade como valor ético central (estabelecida no primeiro princípio) só é possível em um contexto livre de opressões.

Urge, portanto, a necessidade de que os estudantes entrem em contato com essas temáticas obrigatoriamente durante a graduação, permitindo que estes desenvolvam um olhar crítico para as relações raciais e de gênero que permeiam a sociabilidade burguesa. Importante também que os estudos sobre esses sistemas de dominação e exploração patriarcal e racista não se limitem às disciplinas sobre gênero, raça/etnia, mas transversalizem as disciplinas que compõem a grade curricular de modo geral.

O resgate da contribuição da socióloga Heleieth Saffioti nos revela o profundo impacto que o imbricamento entre o patriarcado, o racismo e o capitalismo, exercem, ainda hoje, na formação social política, econômica e cultural do Brasil, tornando-os debates fulcrais para a formação dos assistentes sociais, assim como para a qualificação continuada dos profissionais da área que se comprometem com a construção de um mundo livre de todas as formas de opressão.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Código de ética do/a assistente social**. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. 10ª. ed. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social, 2012.
- MOTTA, Daniele Cordeiro. **Desvendando o nó**: a imbricação de gênero, raça/etnia e classe na obra de Heleieth Saffioti. Anais do IX Colóquio Internacional Marx e Engels. Unicamp, 2018.
- SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 1969.
- SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher sob o modo de produção capitalista**. Revista Quadrimestral. 1976.
- SAFFIOTI, Heleieth. Força de Trabalho Feminina: no interior das cifras, in **Perspectivas**, São Paulo, 1985, nº 8, p.95 a 141
- SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.
- SAFFIOTI, Heleieth. Movimentos sociais: face feminina. In Carvalho, Nanci Valadares de. (org.) **A condição feminina**. São Paulo, Revista dos Tribunais Ltda., Edições Vértice, 1988.
- SAFFIOTI, Heleieth. Diferença ou indiferença? Gênero, raça/etnia e classe social. In: ADORNO, Sergio (org.) **A Sociologia entre a Modernidade e a Contemporaneidade**. POA: PPGS/UFRGS, 1993
- SAFFIOTI, Heleieth. Violência de Gênero – lugar da práxis na construção da subjetividade. **Lutas Sociais**, nº 2, PUC/SP, 1997, pp.59-79
- SAFFIOTI, Heleieth. Prefácio a MORAES SILVA, M.A. **Errantes do fim do século**. São Paulo: ed: UNESP, 1998, p.5-9
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.